

1 UMA SEPARAÇÃO

龍戩

<Hoje um dos irmãos me perguntou: será que é uma prisão terrível, não ser capaz de se mover do lugar onde se está?>

<E você respondeu?...>

<Eu lhe disse que sou agora mais livre do que ele. A incapacidade de movimento me liberta da obrigação de agir.>

<Vocês que falam línguas, como são mentirosos.>

Han Fei-tzu estava sentado na posição de lótus no assoalho de madeira ao lado do leito de sua esposa doente. Talvez ele estivesse dormindo até um momento atrás; não sabia dizer. Mas, nesse instante, tinha consciência da menor mudança na respiração dela, uma mudança tão sutil quanto o vento provocado pela passagem de uma borboleta.

Jiang-qing, por sua vez, também devia ter detectado alguma mudança nele, pois nada havia dito até então, mas falava agora. Sua voz era muito baixa. Mas Han Fei-tzu conseguiu ouvi-la com clareza, pois a casa estava em silêncio. Ele havia pedido a seus amigos e criados que fizessem silêncio no anoitecer da vida de Jianq-qing. Haveria tempo bastante para barulhos descuidados durante a longa noite que viria, quando não houvesse mais palavras sussurradas dos seus lábios.

— Ainda não morri — ela disse.

Ela o recebera com essas palavras toda vez que acordara, nos últimos dias. No início, tais palavras pareceram-lhe estranhas ou irônicas, mas agora sabia que sua esposa falava com desapontamento. Ela an-

siava pela morte, não porque não amasse a vida, mas porque a morte era inevitável, e o que não podia ser afastado devia ser aceito. Este era o Caminho. Jiang-qing nunca dera um só passo fora do Caminho em toda sua vida.

— Então os deuses são generosos comigo — disse Han Fei-tzu.

— Com você — ela sussurrou. — O que estamos contemplando?

Era a sua forma de pedir-lhe que compartilhasse seus pensamentos mais íntimos. Quando outros lhe perguntavam sobre seus pensamentos íntimos, ele sentia que estava sendo espionado. Mas Jiang-qing perguntava apenas para poder pensar a mesma coisa; fazia parte do fato de eles terem se tornado uma só alma.

— Estamos contemplando a natureza do desejo — Han Fei-tzu disse.

— Os desejos de quem? — perguntou ela. — E pelo quê?

“Meu desejo de que seus ossos sejam e fiquem fortes, para que não se quebrem com a mais leve pressão. Que você possa se levantar novamente, ou até mesmo erguer um braço sem que seus próprios músculos arranquem pedaços de ossos ou façam o osso se quebrar com a tensão. Que eu não tivesse que ver você definhando até vir a pesar apenas dezoito quilos. Eu não sabia como éramos perfeitamente felizes até perceber que não poderíamos mais ficar juntos.”

— *Meu* desejo — respondeu ele. — Por você.

— “Você só anseia pelo que não tem.” Quem foi que disse isso?

— Você — disse Han Fei-tzu. — Alguns dizem “pelo que não *pode* ter”. Outros dizem “pelo que não *deve* ter”. Eu digo: “Você só pode ansiar realmente por aquilo que sempre vai desejar.”

— Você vai me ter para sempre.

— Vou perder você esta noite. Ou amanhã. Ou semana que vem.

— Vamos contemplar a natureza do desejo — disse Jiang-qing. Como antes, ela usava a filosofia para tirá-lo da melancolia meditativa.

Ele resistiu, mas apenas de brincadeira.

— Você é uma líder dura — disse Han Fei-tzu. — Como sua ancestral-do-coração, não faz nenhuma concessão à fragilidade das outras pessoas.

Jiang-qing recebera o nome de uma líder revolucionária do passado longínquo, que tentara liderar o povo a um novo Caminho, mas fora derrubada por covardes de coração fraco. “Não é certo”, pensou Han Fei-tzu, “que minha esposa morra antes de mim. A ancestral-do-

coração dela viveu mais do que o marido. Além do mais, as esposas *devem* sobreviver aos maridos. As mulheres são mais completas anteriormente. Também são melhores na arte de viver nos filhos. Nunca são tão solitárias quanto um homem sozinho.”

Jiang-qing recusou-se a deixá-lo voltar a remoer os pensamentos.

— Quando a esposa de um homem morre, o que ele deseja?

Inconformado, Han Fei-tzu deu a ela a resposta mais falsa possível para a pergunta.

— Deitar-se com ela — disse.

— O desejo do corpo — disse Jiang-qing.

Como ela parecia determinada a ter essa conversa, Han Fei-tzu apresentou-lhe o catálogo.

— O desejo do corpo é agir. Isto inclui todos os toques, casuais e íntimos, e todos os movimentos habituais. Por isso, ele vê um movimento com o canto dos olhos e pensa que viu a esposa morta passar pela porta, e não fica satisfeito enquanto não vai até a porta e confirma que não era a esposa. Por isso, lembra de um sonho em que ouviu a voz dela, e se vê respondendo em voz alta como se ela pudesse ouvi-lo.

— O que mais? — Jiang-qing perguntou.

— Estou cansado de filosofia — disse Han Fei-tzu. — Pode ser que os gregos encontrassem conforto nela, mas eu não encontro.

— O desejo do espírito — disse Jiang-qing, insistindo.

— Porque o espírito é da terra, ele é aquela parte que faz coisas novas a partir das velhas. O marido anseia por todas as coisas incompletas que ele e a esposa faziam quando ela morreu, e todos os sonhos não-começados sobre o que teriam feito se ela tivesse continuado viva. Por isso um homem fica bravo com seus filhos por serem tão parecidos com ele e não parecidos o bastante com a esposa morta. Por isso um homem odeia a casa em que viveram juntos, porque ou ele não a altera, fazendo com que ela esteja tão morta quanto a esposa, ou porque ele a *altera*, o que faz com que a casa não apresente mais aquela parte que era criação dela.

— Você não tem que ficar bravo com nossa pequena Qing-jao — disse Jiang-qing.

— Por quê? — Han Fei-tzu perguntou. — Então você vai ficar e me ajudar a ensiná-la a ser uma mulher? Tudo o que sou capaz de ensinar a ela é a ser o que *eu* sou: frio e duro, forte e vigoroso, como a obsidiana. Se ela ficar assim, apesar de se parecer tanto com você, como vou conseguir deixar de ficar bravo?

Orson Scott Card

— Porque você também pode ensinar a ela tudo que eu sou — Jiang-qing disse.

— Se eu tivesse qualquer parte sua em mim — disse Han Fei-tzu —, não precisaria casar com você para me tornar uma pessoa completa. — Agora ele a provocava usando a filosofia para desviar a conversa do assunto doloroso. — Este é o desejo da alma. Porque a alma é feita de luz e vive no ar, ela é aquela parte que concebe e conserva ideias, especialmente a ideia do próprio ser. O marido anseia por seu ser completo, que era composto pelo marido e a esposa juntos. Por isso ele nunca crê em qualquer um dos seus próprios pensamentos, porque há sempre uma pergunta em sua mente, para a qual os pensamentos da esposa seriam a única resposta possível. Por isso o mundo inteiro parece morto para ele, porque ele não consegue acreditar que nada manterá seu significado perante o ataque violento da pergunta que não tem resposta.

— Muito profundo — Jiang-qing disse.

— Se eu fosse japonês cometeria o *seppuku* e esparramaria minhas entranhas no jarro que contém suas cinzas.

— Faria sujeira demais — ela disse.

Ele sorriu.

— Então eu devia ser um hindu antigo, e queimar a mim mesmo em sua pira.

Mas ela não estava mais brincando.

— Qing-jao — sussurrou.

Ela o lembrava de que ele não podia fazer nada tão bombástico quanto morrer com ela. Havia a pequena Qing-jao que precisava dos cuidados dele.

Então Han Fei-tzu respondeu-lhe com seriedade:

— Como posso ensinar a ela a ser o que você é?

— Tudo o que há de bom em mim — disse Jiang-qing — vem do Caminho. Se você ensiná-la a obedecer aos deuses, honrar os ancestrais, amar as pessoas e servir aos senhores, estarei nela tanto quanto você estará.

— Eu estaria ensinando a ela o Caminho como parte de mim mesmo — disse Han Fei-tzu.

— Não — disse Jiang-qing. — O Caminho não é uma parte natural de você, meu marido. Mesmo com os deuses falando-lhe todos os dias, você insiste em acreditar num mundo em que tudo pode ser explicado por causas naturais.

— Eu obedeço aos deuses.

Pensou, amargurado, que não tinha opção; que até mesmo adiar a obediência era uma tortura.

— Mas você não os *conhece*. Não ama as realizações deles.

— O Caminho é amar as pessoas. Aos deuses nós simplesmente obedecemos. — “Como posso amar deuses que me humilham e atormentam a cada oportunidade?”

— Amamos as pessoas porque são criaturas dos deuses.

— Não me faça sermões.

Ela suspirou.

A tristeza dela o atingiu como uma picada de aranha.

— Eu queria que você fizesse sermões para mim para sempre — disse Han Fei-tzu.

— Você se casou comigo porque sabia que eu amava os deuses e que esse amor por eles era algo que faltava completamente a você. É assim que eu o completo.

Como poderia argumentar com ela, quando sabia que nesse exato momento ele odiava os deuses por tudo que lhe haviam feito, por tudo que o fizeram realizar, por tudo que tinham roubado dele em sua vida.

— Prometa-me — Jiang-qing disse.

Ele sabia o que essas palavras significavam. Ela sentia a morte se aproximar; estava depositando o peso de sua vida sobre ele. Um peso que ele carregaria com alegria. Era perder a companhia dela no Caminho que ele havia temido durante tanto tempo.

— Prometa que vai ensinar Qing-jao a amar os deuses e a se manter sempre no Caminho. Prometa que vai fazer dela minha filha tanto quanto sua.

— Mesmo que ela jamais escute as vozes dos deuses?

— O Caminho é para todos, não só para os que ouvem os deuses.

“Pode ser”, pensou Han Fei-tzu, “mas é muito mais fácil para os que ouviam os deuses seguirem o Caminho, porque para eles o preço de se desviar dele é tão terrível. As pessoas comuns são livres; podiam deixar o Caminho e durante anos não sentir a dor que isto causava. Os que ouvem os deuses não podem deixar o Caminho nem por uma hora.”

— Prometa-me.

“Eu vou. Eu prometo.”

Mas não conseguia dizer as palavras em voz alta. Não sabia por que, mas sentia uma relutância profunda.

No silêncio, enquanto ela aguardava pela promessa dele, ouviram o som de pés correndo no cascalho que havia na frente da casa. Só podia ser Qing-jao, voltando para casa, vinda do jardim de Sun Cao-pi. Somente Qing-jao podia correr e fazer barulho durante o período de silêncio. Eles esperaram, sabendo que ela iria direto para o quarto da mãe.

A porta deslizou quase sem fazer barulho. Até mesmo Qing-jao havia incorporado o suficiente do silêncio imposto, para ser discreta quando se encontrava na presença da mãe. A despeito de vir nas pontas dos pés, ela mal conseguia deixar de dançar, e quase galopava ao atravessar o quarto. Mas não envolveu o pescoço da mãe com os braços; lembrava da lição, apesar do terrível hematoma já ter sumido do rosto de Jiang-qing, no local onde o abraço ansioso de Qing-jao havia quebrado seu maxilar três meses antes.

— Contei vinte e três carpas brancas no riacho do jardim — Qing-jao disse.

— Tantas assim? — disse Jiang-qing.

— Acho que elas estavam se mostrando para mim — disse Qing-jao. — Para que eu pudesse contar todas elas. Nenhuma queria ficar de fora.

— Eu te amo — sussurrou Jiang-qing.

Han Fei-tzu notou um som novo na voz sussurrada — um som de pequenos estalos, como bolhas se rompendo à medida que as palavras eram pronunciadas.

— Você acha que ver tantas carpas assim significa que eu vou escutar os deuses? — Qing-jao perguntou.

— Vou pedir aos deuses que falem com você — disse Jiang-qing.

De repente, a respiração de Jiang-qing ficou rápida e difícil. Han Fei-tzu ajoelhou-se imediatamente e olhou para a esposa. Os olhos dela estavam completamente abertos e assustados. O momento chegara.

Os lábios dela se moveram. “Prometa-me”, ela disse, mas sua respiração não era capaz de produzir nenhum som além do ofegar.

— Eu prometo — disse Han Fei-tzu.

Então a respiração dela parou.

— O que os deuses dizem quando falam com a gente? — perguntou Qing-jao.

— Sua mãe está muito cansada — Han Fei-tzu disse. — Você precisa ir agora.

— Mas ela não me respondeu. O que os deuses dizem?

— Eles contam segredos — disse Han Fei-tzu. — Ninguém que os ouve os repete.

Qing-jao assentiu, compreendendo. Deu um passo para trás, como que para ir embora, mas parou.

— Posso beijar você, mamãe?

— Bem suavemente no rosto — disse Han Fei-tzu.

Pelo fato de ser pequena para seus quatro anos, Qing-jao não teve de se curvar muito para beijar o rosto da mãe.

— Eu amo você, mamãe.

— É melhor ir agora, Qing-jao — disse Han Fei-tzu.

— Mas mamãe não disse que me ama também.

— Disse sim. Ela disse antes. Lembra? Mas ela está cansada demais e muito fraca. Agora vá.

Ele colocou na voz apenas a dureza necessária para fazer Qing-jao sair sem mais perguntas. Só depois que a menina saiu, Han Fei-tzu permitiu-se sentir algo além do desejo de cuidar da filha. Ajoelhou-se sobre o corpo de Jiang-qing e tentou imaginar o que acontecia com ela nesse momento. A alma havia voado e encontrava-se agora no paraíso. Seu espírito ficaria por ali por muito tempo; talvez o espírito dela fosse morar na casa, se ali realmente fosse um local de felicidade para ela. Pessoas supersticiosas acreditavam que todos os espíritos dos mortos eram perigosos, e colocavam sinais e proteções para afastá-los. Mas aqueles que seguiam o Caminho sabiam que o espírito de uma pessoa boa nunca causava mal ou destruição, pois sua bondade na vida vinha do amor do espírito por realizar coisas. O espírito de Jiang-qing seria uma bênção para a casa durante muitos anos, se decidisse ficar.

Ainda assim, enquanto tentava imaginar a alma e espírito dela, de acordo com os ensinamentos do Caminho, havia um local frio em seu coração que estava certo de que tudo o que restava de Jiang-qing era esse corpo ressequido e quebradiço. Nessa noite ele queimaria tão depressa quanto papel, e então ela teria ido embora, exceto pelas lembranças que ficariam em seu coração.

Jiang-qing estava certa. Sem ela para completar sua alma, ele já duvidava dos deuses. E os deuses tinham percebido — eles sempre percebiam. No mesmo instante, sentiu a pressão insuportável para realizar o ritual de limpeza, até se ver livre de seus pensamentos im-

puros. Mesmo em um momento como este, eles não podiam deixá-lo sem punição. Mesmo neste momento, com a esposa morta ao seu lado, os deuses insistiam que lhes prestasse homenagem antes que pudesse derramar uma só lágrima de tristeza por ela.

No início, quis adiar, não realizar a homenagem. Havia treinado a si mesmo para conseguir retardar o ritual até por um dia inteiro, ao mesmo tempo em que escondia os sinais externos de seu tormento interno. Poderia fazer isso neste instante — mas apenas se mantivesse o coração completamente frio. Não havia sentido em se fazer uma coisa dessas. A tristeza verdadeira só poderia vir quando ele tivesse satisfeito os deuses. Então, ele se ajoelhou ali mesmo e iniciou o ritual.

Ainda estava se retorcendo e girando no ritual quando um criado apareceu. Apesar do criado não dizer nada, Han Fei-tzu ouviu o ruído suave da porta deslizando e soube o que o criado iria concluir: Jiang-qing estava morta e Han Fei-tzu era tão íntegro que se comunicava com os deuses antes mesmo de anunciar a morte dela aos outros. Sem dúvida, alguns iriam supor que os deuses tinham vindo para levar Jiang-qing, já que ela era conhecida por sua extraordinária santidade. Ninguém podia imaginar que, enquanto os venerava, seu coração estava cheio de amargura porque os deuses ousavam exigir isso dele até mesmo neste momento.

“Ó Deuses,” pensou ele, “se eu soubesse que cortando um braço ou arrancando o fígado poderia ficar livre de vocês para sempre, eu empunharia a faca e apreciaria a dor e a perda, tudo em troca da liberdade”.

Este pensamento também não era puro e exigia ainda mais limpeza. Passaram-se horas antes que os deuses por fim o liberassem, e a essa altura ele estava cansado demais, enjoado demais para lamentar. Levantou-se e foi chamar as mulheres para prepararem o corpo de Jiang-qing para ser cremado.

À meia-noite, foi o último a se aproximar da pira, carregando uma sonolenta Qing-jao no colo. Ela segurava nas mãos os três papéis que escrevera para a mãe com seus garranchos infantis. “Peixe”, “livro” e “segredos”, ela escrevera. Estas eram as coisas que Qing-jao dava para a mãe levar com ela ao paraíso. Han Fei-tzu tentou adivinhar que pensamentos percorriam sua mente, ao escrever tais palavras. *Peixe* por causa das carpas que ela vira no jardim nesse dia, sem dúvida. E *livro* — esta era fácil de entender, porque ler em voz alta era uma das últimas coisas que Jiang-qing ainda conseguia fazer com a filha. Mas por

que *segredos*? Que segredos Qing-jao oferecia à mãe? Não podia perguntar. Não se discutiam as oferendas de papel para os mortos.

Han Fei-tzu colocou Qing-jao em pé; o sono dela não era profundo, por isso a menina acordou de imediato e ficou ali parada, piscando os olhos devagar. Han Fei-tzu sussurrou algo em seu ouvido, e ela enrolou os papéis e os colocou na manga da mãe. Não parecia se importar de tocar a carne fria da mãe — era pequena demais para ter aprendido a tremer com o contato da morte.

Nem Han Fei-tzu se importou em tocar a pele da esposa ao colocar os seus três papéis na outra manga. O que havia para temer da morte agora, quando ela já havia realizado o pior?

Ninguém sabia o que estava escrito em seus papéis, caso contrário teriam ficado horrorizados, pois ele escrevera “Meu corpo”, “Meu espírito” e “Minha alma”. Portanto, era a si mesmo que ele queimava na pira funerária de Jiang-qing, e enviava a si mesmo com ela para onde quer que ela estivesse indo.

Então a criada secreta de Jiang-qing, Mu-pao, colocou a tocha na madeira sagrada e a pira foi tomada pelas chamas. O calor do fogo era doloroso, e Qing-jao escondeu-se atrás do pai, só olhando de vez em quando para ver a mãe partir em sua viagem sem fim. Han Fei-tzu, no entanto, recebeu o calor que ressecou sua pele e tornou quebradiça a seda de seu robe. O corpo dela não estava tão seco quanto parecia; bem depois dos papéis terem se tornado cinza e subido com a fumaça do fogo, o corpo ainda chiava, e a grande quantidade de incenso que era queimada ao redor não conseguia esconder dele o cheiro de carne queimada. “É isto o que estamos queimando aqui: carne, peixe, carniça, nada. Não é minha Jiang-qing. Apenas a roupa que ela vestia nesta vida. Aquilo que transformava este corpo na mulher que eu amei ainda está vivo, *tem* de estar vivo.” E por um momento ele pensou que podia ver, ou ouvir, ou de alguma forma *sentir* a passagem de Jiang-qing.

“Para o ar, para a terra, para o fogo. Eu estou com você.”